

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**Programa de Pós-graduação em Direito**  
**Programa de Pós-Graduação em**  
**Engenharia e Gestão do Conhecimento**

**Disciplina: EGC9001-10 – 2008/1**  
**Complexidade e Conhecimento na Sociedade em Redes**

**Professor:** Aires José Rover, PhD  
**Tutora:** Marisa Carvalho, Msc  
**Aluno:** Alexandre C. R. Lima

**Resumo do Livro:**  
Sujeito e Sociedades Complexas  
para repensar os horizontes utópicos

**Capítulos:** Apenas citação

## **Prelúdio**

Pode alguém viver sem sonhos ou esperanças? Pode um povo ou um grupo social viver sem esperança ou sem um horizonte utópico? Sonhar e ter esperanças são necessidades vitais quase tanto quanto comer e beber, pois somos seres biológicos e simbólicos e precisamos encontrar um sentido e uma razão para vivermos.

Sonhos e esperanças de uma grande parte da população mundial hoje tem a ver com consumo de determinados símbolos-mercadorias. Os sentidos e anseios mais profundos da existência humana são expressos através de marcas e mercadorias.

Contudo existem aqueles que buscam outros sonhos, outras esperanças e outras utopias.

No prelúdio o senhor Sung, faz um introdução/resumo do conteúdo do livro. Ele se preocupa em deixar claro, que apesar de sua formação em Teologia, o livro não se trata de Teologia. Ele enfatiza que o sentido de Teologia no livro é: “a hermenêutica da história que explica e reflete criticamente os alicerces que escoram as esperanças e as visões de um mundo das correntes teóricas e sociais.”. Ele frisa que isso é para que não haja mal-entendidos ou preconceitos por parte dos leitores não acostumados com esse tipo de proposta.

Por fim, este livro é a reunião de vários textos que foram dispostos em seis capítulos.

Em especial os capítulos 1 e 2 foram escritos para um público cristão e com referência explícita da condição de cristão do autor.

O capítulo 3 trata do conceito de sujeito.

O capítulo 4 é uma análise sobre a forma mítico-teológica com que os ideólogos do capitalismo legitimam o sistema de mercado e a exclusão social.

O capítulo 5 é um estudo entre ética e economia.

O capítulo 6 é uma reflexão de como a aceitação da nossa condição humana pode nos ajudar na diminuição da insensibilidade social e no aumento da sensibilidade solidária.

## **Capítulo 1 – Teologia e a Vida dos Pobres**

Neste capítulo o autor discorre sobre experiências que teve em sua vida tentando fazer um encadeamento entre elas para chegar até o tema central da obra.

Na sua adolescência e juventude, o autor fez partes de grupos jovens vinculados a Igreja. Neste período ele participou de atividades junto a crianças. Em suma ele brincava, dava e recebia afeto destas crianças. Não havia uma consciência social ou política. Era uma experiência gratificante que o fazia despertar bem cedo aos domingos sem reclamar. Anos mais tarde ele explica esta experiência como uma experiência de graça que nasce do encontro com o outro, na relação face-a-face.

Aos 17 anos ajudava o pai nos negócios da família gerenciando e administrando. A questão aqui era a preocupação das contas a pagar. Ele diz ser um mundo frio e calculista, um mundo sem poesia.

O autor se sentia como vivesse em dois mundos distintos.

Foi cursar a faculdade de Administração de Empresas. Na cadeira de Marketing ele aprendeu que as classes D e E não são consultadas porque elas não existem no mercado, isto é, estão fora do mercado consumidor, ou seja, excluídas. Como conclusão temos, que as demandas dos que estão fora do mercado não são captadas por essas pesquisas e por isso não serão respondidas pelo mercado. Este raciocínio é lógico e é lógico dentro da racionalidade do mercado (mas um sentimento de erro já se apresentava ao autor).

Outra questão que aprendeu é que a economia, produção e comercialização de bens materiais, não eram meramente materiais, mas sim profundamente simbólico e de certo modo espiritual.

Ele abandonou o curso de administração e foi ser padre e sobreviveu a crise teórico-existencial com duas lições fundamentais: a pedra fundamental da nossa fé não pode ser simplesmente a crença ou doutrina assimilada através de um processo catequético, mas sim a experiência espiritual da graça que deve marcar o mais profundo do nosso ser. A segunda, é que diante de críticas, precisamos aprender a oferecer explicações pelo menos “razoáveis”.

Com os estudos de filosofia ele descobriu que a história não era mais um desenrolar da vontade de Deus, mas resultado das ações humanas, dos conflitos de interesses de grupos e classes sociais. A pobreza deixa de ser uma cruz imposta por Deus para a salvação das almas. E, portanto, a superação da pobreza não viria das orações, mas sim das transformações estruturais da sociedade. Ele estava começando a se libertar da visão sacrificial de Deus.

Aqui ele entra em contato com a Teologia da Libertação (TL) e com a questão de qual o papel de Deus na história humana.

Em continuidade o autor lista vários autores que o marcaram:

- Enrique Dussel
  - Neste autor o conceito da experiência face-a-face é cunhado.
  - Com ele veio a convicção de que não se pode fazer uma teologia sem levar em conta a economia. A partir daí veio seus estudos na área de “teologia e economia”.
- Franz Hinkelammert
  - Um dos principais autores na teologia e economia.
  - Ele mostra que o fetiche é o espírito das instituições e analisa o fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do capital nas sociedades capitalistas.
  - Aqui ele aprofundou o conceito do pensamento de Hinkelammert: “razão utópica”. Aprendendo que utopia é uma condição para que possamos pensar em vista de uma

- intervenção e transformação, mas que ela como um conceito-limite é impossível de ser realizada.
- Aprendeu a reconhecer os limites humanos e a não factibilidade de nossas utopias. Só quando paramos de exigir a realização do que é impossível (utopia) é que podemos lutar para realizar o melhor possível.
  - É fundamental diferenciar a utopia do projeto histórico ou institucional.
  - Aprofundava a crítica ao sacrificalismo do mercado liberal.
- Júlio de Santa Ana
    - Orientador de Doutorado
    - A pergunta a ser respondida era: Por quê a TL não discutia sobre economia?
    - Santa Ana disse: Que a TL havia se tornado excessivamente católica e estava preocupada basicamente com a Igreja.
    - Que a teologia não era um discurso “científico” de Deus, mas como uma “hermenêutica da história”.
  - Hugo Assmann
    - A idolatria do mercado
    - A crítica ao otimismo antropológico das esquerdas. Eles não levam em consideração que os seres humanos são capazes de solidariedade e de egoísmo.
    - É humanamente impossível a construção de uma sociedade sem nenhum sofrimento, injustiça ou dominação.
    - Teoria ou paradigma da complexidade
  - Juan Luis Segundo
    - Se a revelação de Deus é um processo pedagógico, então a teologia não pode ser uma sistematização de verdades formuladas a *priori*, seja sobre Deus em si, seja sobre o processo de libertação dos pobres.
  - René Girard
    - (Celso Furtado) Uma das razões para o dualismo social e exclusão na América Latina é o desejo da elite de imitar os padrões de consumo das elites dos países ricos.
    - A identidade pessoal está ligada ao consumo. Para ser reconhecido com *ser* é preciso *ter* determinados bens de consumo.

## Capítulo 2 – Sujeito e a Defesa das Vítimas

Os teólogos da TL deixaram bem claro que a teologia era o momento segundo. O primeiro momento é a práxis de libertação que nasce da indignação ética frente a situações em que os seres humanos são reduzidos à condição subhumana.

Esta relação intrínseca entre teologia da libertação e práxis foi vista como uma das diferenças fundamentais entre TL e outras teologias. O autor

frisa que resgatar e relembrar a intuição fundante e original da TL é fundamental, pois freqüentemente somos tentados a buscar somente e livros ou em teorias que estão na “moda” alguma “verdade” anterior ou desvinculada dos problemas concretos da práxis.

O momento primeiro sempre foi a prática, na época chamada de libertação, que nascia da experiência espiritual de encontrar Jesus Cristo no rosto das pessoas oprimidas. Para Gutierrez: “A teologia é reflexão, atitude crítica. Primeiro é o compromisso da caridade, de serviço. A teologia vem depois, é ato segundo”.

A indignação ética é a experiência fundante do que a TL chamou de momento primeiro. Mas o que acontece quando alguém sente esta indignação ética? Cada experiência é diferente da outra e pressupões mundos e histórias das pessoas envolvidas.

Para que uma pessoa possa se indignar frente a uma situação em que alguém esta sendo tratado ou reduzido a uma condição subhumana é preciso que aquela pessoa reconheça a humanidade desta. Muitas pessoas não se indignam frente a estas situações porque elas não conseguem “ver” e reconhecer a humanidade destas pessoas.

Esta dificuldade em reconhecer a humanidade das vítimas destas situações tem a ver com a dificuldade em diferenciar o lugar e o papel sociais destas pessoas da sua dignidade como ser humano. E cada vez mais, as pessoas confundem a dignidade humana com o lugar social. Assim, na sociedade de consumo os não-consumidores são vistos como não-pessoas.

Na indignação ética as pessoas são reconhecidas na gratuidade, isto é, independente da sua capacidade de consumo, condição social, sexual, ética, religiosa, etc.

Um segundo aspecto importante é o seu horizonte de desejo utópico que é pressuposto da indignação ética. Na medida que este horizonte é o que nos permite compreender a realidade atual como inaceitável e modificável e é, ao mesmo tempo, objeto de desejo, passamos a acreditar que ele factível, realizável plenamente no interior da história. Ao pensá-lo realizável, nos enfrentamos com a necessidade de um sujeito que realize e “construa” este horizonte/projeto no interior da história. Aqui aparece a utilização dos conceitos como “sujeito histórico”, “sujeitos da história”, “protagonista da história”.

A indignação ética nos apresenta duas noções do sujeito:

- O sujeito que é reconhecido e se reconhece mutuamente para além de todos os papéis ou lugares sociais
- Sujeito construtor ou realizador em plenitude do horizonte utópico ou do projeto de uma sociedade totalmente nova, a nova Terra e o novo ser humano.

Na construção do conceito de sujeito da história ocorre, ao mesmo tempo, a construção do conceito de história como objeto a ser construído pelo sujeito-humano. Nos primórdios da humanidade, predominou a noção do destino escrito pelos deuses ou pelos espíritos da natureza, não havendo ainda a noção de história. Com a Modernidade surge esta novidade a percepção da história como sendo construída por sujeitos humanos.

Na construção da história pelo sujeito humano moderno, a razão tem um papel central. O indivíduo se torna sujeito na medida em que cria um mundo regido por leis racionais e inteligíveis para o pensamento humano. E esta criação de um mundo racional é vista como realização do progresso que nos levaria ao “jardim do Éden”. O Deus-ordenador do mundo e da história é substituído pelo sujeito humano ordenador do mundo e da história segundo a razão.

Não somente muda o conceito de ser humano, sujeito e história, mas também “localização” do Paraíso, do horizonte utópico. O sujeito histórico é construtor da história que deve desembocar na plenitude. O paraíso medieval, que era esperado além da história humana, é trazido para o interior da história, para o futuro.

Toda plenitude, toda ordem social ou natural plenamente harmoniosa, é concebida como uma ordem isenta do mal e do conflito.

Contudo, a indignação ética não é uma indignação que nasce por causa da consciência da não realização do “destino” ou da ordem preestabelecida. A indignação ética nasce do reconhecimento da humanidade da pessoa que está sendo negada na relação e/ou sistema social. É da experiência do “face-a-face” que nasce a contestação às injustiças e os males do mundo.

Só há liberdade se há possibilidade de errarmos. Só há amor se somos capazes de perdoar os erros das pessoas amadas. A ordem social perfeita, a nova sociedade sem sofrimentos, opressão e injustiça, de harmonia perfeita, não somente não é possível de ser construída no interior da história, como também não deve ser desejada. O que desejamos é um horizonte utópico e devemos sempre nos lembrar deste que este horizonte só é atingível nos pelos olhos dos desejos, mas é impossível de ser alcançado pelos nossos passos humanos.

Um aspecto problemático da noção de sujeito histórico é que o conceito de sujeito aparece contraposto ao objeto história. A história é vista como um objeto a ser construído ou moldado pelas ações humanas. As ciências sociais já vêm criticando esta noção subjacente a muitas teorias políticas e sociais. A história ou a sociedade é um “objeto” muito particular, na medida em que o sujeito da relação é uma parte, está no interior do “objeto” história ou sociedade e é, ao mesmo tempo, influenciado ou determinado por este mesmo objeto, seja objeto de estudo ou de transformação. Por isso, a relação sujeito-objeto não poderia ser aplicada sem mais ao campo da história ou da sociedade como um todo.

Sujeito, ator social e libertação.

O que podemos fazer é distinguir o conceito de sujeito do ator social, o indivíduo “vivendo” um papel social em uma dada relação institucionalizada. O indivíduo não pode viver sem instituições e papéis sociais, mas o sujeito não é o somatório destes papéis, muito menos se identifica com um único papel. Instituições totalitárias, opressivas, procuram negar a sujeiticidade do indivíduo

reduzindo-o a um papel social ou a um conjunto de papéis, objetificando-o no interior do sistema.

O ser sujeito se manifesta na resistência às formas concretas de dominação, quando o indivíduo resiste a ser reduzido a um mero papel social ou a um conjunto de papéis.

Tensão entre o micro e macrossocial.

A experiência de ser sujeito no encontro face-a-face é mais bem vivida no ambiente comunitário. Contudo temos a tentação de querermos uma sociedade que seja uma comunidade é resultado de um erro muito comum: o de não reconhecer as diferenças qualitativas que surgem quando passamos de um nível para outro e, assim, fazer projeções lineares do micro em direção ao macrossocial.

### **Capítulo 3 – Sujeito como Transcendentalidade**

A libertação não é mais pensada somente ou principalmente em torno da construção de uma nova sociedade, mas também em torno do conceito do sujeito.

Neste capítulo fica destacado que o autor defende a visão de Hinkelammert frente a outros autores. Assim temos algumas posições defendidas durante o capítulo.

- Sendo o sujeito um sujeito e não objeto, seu tratamento como objeto é por si só inadequado. O sujeito transcende a todas as suas objetivações, ainda que não possa existir sem elas.

- Falando sobre o conceito de sujeito: O ser humano não é sujeito, mas sim há um processo no qual ele se revela, que não se pode viver sem se fazer-se sujeito.... Revela-se, então, que ser sujeito é uma potencialidade humana e não uma presença positiva.

- Sujeito não é uma substância (indo contra outros autores)

- O ser humano se revela como sujeito na medida em que enfrenta a inércia do sistema que esmaga, por isso o sujeito se revela no grito, se revela na ausência

- O ser humano é chamado a responder a este grito como ator social ou indivíduo calculante no interior do sistema

- O ser humano enquanto sujeito sempre transcende o sistema.

## Capítulo 4 – Nova forma de Legitimação da economia

Neste capítulo o Sr. Sung começa falando sobre legitimação da economia e em seguida começa a discorrer sobre o conceito de auto-organização e evolução chegando a questões de fé. Por fim o autor fecha o capítulo falando sobre desafios éticos.

Todo sistema de dominação, seja um império ou regime autoritário, se apresenta como um modelo social sem alternativas. Isso porque ele seria uma expressão da vontade divina, da evolução da natureza ou da ordem racional da história, ou simplesmente porque qualquer outra alternativa seria inviável. O que varia é somente a forma concreta com que o sistema social dominante se legitima como sendo “sem alternativa”.

Atualmente, a apresentação do capitalismo, de corte neo-liberal, como um modelo sem alternativa se dá em torno da articulação de dois conceitos

→ A teoria da ordem espontânea está baseada na noção de que a maioria das coisas que produzem benefícios gerais em sistemas sociais ou que possibilitam a reprodução destas não está sob o controle direto das pessoas ou de planos conscientes,

→ Para Samuelson, o sistema de mercado “simplesmente evolui e, como na natureza humana, está sofrendo modificações” está vinculada à teoria da evolução das espécies.

A articulação dessas duas teorias, a da auto-organização e da evolução, isto é, a hipótese de que o sistema de mercado capitalista é um sistema auto-organizado que evolui como a natureza, que ocupa hoje lugar central tanto na análise quanto no discurso de legitimação do capitalismo.

Ao longo de toda a história das ciências sociais, numerosas metáforas têm sido utilizadas para descrever processos auto-reguladores na vida social. Talvez o mais conhecido deles seja a “mão invisível” que regulava o mercado na teoria econômica de Adam Smith.

Krugman é um autor que defende que a economia é um sistema auto-organizativo. Contudo ele não considera a auto-organização como algo necessariamente, ou presumidamente, bom. Para ele, auto-organização é algo que observamos e tentamos entender, não necessariamente é algo que queremos. Com isso, ele não legitima o mercado como algo bom ou insubstituível pelo simples fato de ser auto-organizativo. Em Globalização e globobagens, ele legitima o sistema de mercado quando afirma que todos os outros sistemas sociais são piores.

Em seguida o autor apresenta uma seqüência de discursos de auto-regulação e evolução, tendo Adam Smith como referência central, relacionando economia, ciências (física, biologia,...) para legitimar a economia de mercado neo-liberal.

Por fim ele termina:



→ Quando a virtude da solidariedade social é buscada somente através do comércio livre, não há mais por que falar em virtudes ou solidariedade. Basta fazer negócios no mercado livre, seguindo os nossos instintos.

O autor apresenta Hayek com a tese de que o mercado é melhor forma possível para coordenar as ações das pessoas. Contudo o autor questiona – Quem e como se pode chegar a esse juízo?

Para Hayek “vivemos em uma sociedade civilizada porque chegamos a assumir, de forma não deliberada, determinados hábitos herdados de caráter fundamentalmente moral, muitos dos quais têm resultado sempre pouco gratos ao ser humano – e sobre cuja validade e intrínseca eficácia nada sábio”. A questão que surge então é: como foi que essas tradições e esses valores não prazerosos e não compreensíveis foram transmitidos e assumidos?

Outra questão é que o fato do sistema ser auto-organizado não implica na motivação para manutenção do sistema social funcionando de modo razoavelmente coeso. Para isso é necessária crença. Para Moscovici, pouco importa que essa crença seja sustentada por um mito, uma ideologia ou uma ciência, desde que ela exista. Os homens sentem a vitalidade do laço que os une, a força única de sua convicção e o ímã da finalidade que o faz agir em conjunto.

#### Desafios da ética

##### Questões:

O conceito de auto-organização não pode ser ignorado nas reflexões éticas e teológicas, e coloca em xeque a teoria da causalidade que, de um modo ou de outro, está presente na maioria das nossas reflexões teológicas e éticas.

Conceitos como “sujeito histórico”, individual ou social que “construíram” uma nova sociedade ou conformariam a história a partir das suas ações conscientes, ou análises que buscam a determinação das causas exatas e dos responsáveis pela exclusão social, por exemplo, são profundamente questionados pela teoria da auto-organização aplicada a sistemas sociais.

Na prática, o sujeito ético, numa economia-com-mercado, está sempre, por um lado, envolvido em níveis de auto-regulação efetivamente existentes, ou seja, pelas normatizações que se cumprem no plano objetivo.

Cabe, portanto, perguntar: nessas circunstâncias, a que nos referimos propriamente quando falamos em opção/ação ética?

Outra questão tem a ver com a diferença qualitativa entre âmbito micro e o macro social. É verdade que normas e práticas que funcionam no âmbito de pequenos grupos sociais não funcionam do mesmo modo em um âmbito macro-social. Assim, práticas de solidariedade que funcionam nas pequenas comunidades não funcionam na mesma forma ou simplesmente não funcionam no âmbito da sociedade.

O grande desafio é que as nossas noções de solidariedade, foram, em grande parte, forjadas em experiências de pequenas comunidades ou grupos sociais, para não dizer em sociedades pré-modernas, e elas não funcionam bem nas atuais sociedades amplas e complexas.

A terceira questão é o conceito de providência.

O autor discorre sobre Leonardo Boff e sua fé na “lógica benfazeja”. Por fim, o autor comenta que são palavras otimistas. Contudo, se o universo está guiado por uma lógica benfazeja, onde se encaixam as mortes e sofrimentos dos inocentes nesta evolução? Seriam apenas as dores do parto? Nesta visão histórica marcada pela “necessidade” de um futuro bom, onde ficam a contingência, a liberdade humana e o pecado?

É nossa capacidade de produzirmos símbolos e cultura, que nos deu a possibilidade da liberdade e, com isso, a capacidade de sonharmos e desejarmos uma realidade ainda não existente. É isso que nos permite sentir indignação ética diante do que está dado, diante do mundo como está. Somos capazes até de desejarmos e sonharmos com coisas e relações que não somos capazes de realizar, que estão além da possibilidade humana. Esta liberdade, é claro, também nos dá a possibilidade de errarmos, de fracassarmos e, portanto, ela nos lembra que não que não temos garantido um futuro necessariamente harmonioso e pleno.

A indignação ética que contesta as injustiças e os males do mundo nasce de uma aposta, de um ato de fé que rompe com a noção de destino – seja um destino maléfico ou benfazejo -, com a lógica do sistema vigente e com o processo de “evolução” que tem guiado a sucessão de culturas, civilizações e impérios.

Para Comblin... : “Na Bíblia, todavia, tudo é diferente porque Deus é amor. O amor não funda a ordem, mas a desordem. O amor quebra toda estrutura de ordem. O amor funda a liberdade e, por conseguinte, a desordem. O pecado é consequência do amor de Deus”. Quando, a Bíblia diz que Deus é amor, está afirmando que a vocação humana é a liberdade, que esta é mais do que uma qualidade ou um atributo do ser humano, mas é a própria razão de ser da humanidade, eixo central de toda a existência humana.

É importante distinguir Esperança de Otimismo. Nós somos otimistas “por causa de”, isto é, temos razões científicas ou religiosas para o nosso otimismo. Por outro lado, nós temos esperança “apesar de”, isto é, sem motivos para otimismo. Esperança nasce de um ato de fé.

A racionalidade teológica ou ética não é suficiente para “mover multidões”, para mudar a direção em que estão se movendo a nossa sociedade e a nossa civilização. Precisamos de pessoas e grupos que encarnem esses valores nas suas vidas e práticas religiosas e sociais e que, de dessa forma, sirvam de modelos de desejo, como atores de novos movimentos sociais e religiosos. Pessoas que não fazem da certeza e nem da vitória a razão principal das suas ações solidárias, pessoas que simplesmente vivem a sua liberdade humana respondendo ao apelo da solidariedade que vem dos rostos das outras pessoas.

## Capítulo 5 – Ética e sistemas econômicos complexos

Neste capítulo o Sr. Sung discorre sobre ética e economia.

O que me chamou a atenção é a questão de que a economia é um sistema complexo auto-organizativo. Com isso, ações intencionais podem acarretar em resultados não intencionais. Assim, o indivíduo tem responsabilidade sobre o sistema, mas não a culpa. O autor se vê obrigado a fazer a distinção destes dois termos: responsabilidade e culpa.

Nesta linha, vejo a recorrente discussão entre o micro e o macro onde o macro é abordado sobre as questões de sistemas complexos e o micro é a esfera objetiva de atuação dos indivíduos.

Depois de apresentar várias questões sobre ética e economia e discorrer sobre a ótica de vários autores

- A instrumentalização da ética para obtenção dos lucros econômicos das empresas.
- As atividades socialmente corretas das empresas ocorrem internamente por motivações não apenas econômicas.
- A economia é aética.
- A administração com a evolução das empresas precisa incorporar conceitos éticos.

George Soros observa a diferença entre criar regras que é uma atividade coletiva (macro) e a atuação que envolve decisões individuais (micro) ou comportamento do mercado. Com isso reduzir a ética ao comportamento dos indivíduos ou das instituições é reduzir a ética e a própria análise econômico-social no âmbito de atuação segundo determinadas regras estabelecidas.

Se o sistema como tal tem falhas na sua operacionabilidade e/ou problemas éticos, é preciso, como diz Soros, uma decisão-atuação coletiva e política. Neste sentido, o problema da ética econômica não pode ser restrito ao campo da economia.

Seguindo o texto o autor apresenta a impossibilidade de a economia capitalista alcançar as utopias éticas sociais cristãs. Nesta parte temos a discussão do “pecado estrutural” e várias questões de responsabilidade e culpa. O autor termina dizendo que a noção de responsabilidade gera uma conduta, atitude ou disposição para agir maior e mais vasta que a mera culpa.

Sung guarda uma seção para falar sobre o “paradigma da complexidade” e Edgar Morin. Para Morin é preciso considerar a ética não pode ter outro fundamento que não seja ela mesma. Esta ética precisa de uma fé (fraternidade, amor, ...).

Esta ética apresentada por Morin possui três ordens:

- O primeiro jaz nas contradições éticas, no confronto de imperativos categóricos e antagônicos;
- O segundo se situa no nível das incertezas éticas;
- O terceiro é o problema do ‘eu’ em relação a si mesmo.

O que chama atenção do autor é que estas três questões giram em torno do “sujeito”. Assim, Morin e outros autores defensores do paradigma da complexidade, nas suas reflexões sobre ética, não conseguem superar de todo o paradigma da modernidade que coloca o acento no “sujeito”.

## **Capítulo 6 – Sensibilidade Solidária e a Condição Humana**

O autor inicia discorrendo e chega a conclusão que a sociedade tem contato diário (ou via TV) da exclusão social. Tendo isto, ele levanta a pergunta: - Há pessoas que por natureza são incapazes de sentir a dor e o sofrimento de outras pessoas (ter compaixão)? Ele chega à resposta que, retirando aqueles que possuem problemas neurológicos, todos são tocados de alguma forma. A diferença está em como nós percebemos e respondemos ou reagimos a essa emoção básica de ser pela dor alheia. Alguns têm ações solidárias e outros se fecham.

A concepção ética e/ou religiosa da pessoa tem papel importante no modo como ela vai interpretar a emoção provocada pela visão do sofrimento alheio.

Mais adiante outra pergunta é levantada: - O que faz as pessoas buscarem explicações metafísicas para justificarem a sua aparente indiferença ao sofrimento alheio ou a sua agressividade frente aos que sofrem e aos que tentam ser solidários com estes? Ou Por que as pessoas fogem do sentimento de compaixão?

A maneira como o sujeito se relaciona com seus próprios sofrimentos vai determinar a forma como ele vai reagir ao sofrimento alheio. E o modo como as pessoas regem ao sofrimento alheio nos mostra como elas se relacionam com seus próprios sentimentos. (seus próprios medos)

Daí a razão de muitas pessoas sempre estarem procurando certezas nos grupos que se apresentam como portadores de certezas absolutas.

Em uma cultura de consumo como a nossa, o desejo de viver uma vida sem se submeter aos limites e ambigüidades próprios da condição humana faz pessoas e sociedades verem nas pessoas excluídas do consumo as suas inimigas. Pois estas, com seus sofrimentos, as fazem lembrar da sua condição humana e, com isso, dos medos, inseguranças e sofrimentos que querem esquecer. ( Ser pobre é um crime!!!)

Por que fazer o bem incomodaria aqueles que se consideram pessoas de bem?

Talvez porque a presença dos pobres e dessas pessoas solidárias as fizesse lembrar de coisas que querem esquecer ou não querem ver. Por exemplo, que elas não são tão boas como pensam, ou que sua vida religiosa não é tão “comprometida” como pensam e gostariam que fosse.

A sociedade oferece mecanismos de ilusão para ter a sensação de liberdade da condição humana, de plenitude e segurança. Consumo e acumulação ilimitada (vencer a insegurança), compra da juventude eterna

(vencer o medo do envelhecimento). A certeza oferecida pela religião (povo eleito, estaria acima das condições humanas).

Conclui:

A aparente indiferença em relação aos sofrimentos dos excluídos e a agressividade contra essas pessoas e contra aqueles que lutam solidariamente em favor dos excluídos tem muito a ver com mecanismos de defesas.

As pessoas criam inconscientemente mecanismos de defesa porque se sentem frágeis. Assim sendo, não se derruba esse muro defensivo com agressividade.

O que ajuda as pessoas a se fortalecerem para enfrentar os seus sofrimentos e as suas dores? Resposta: O Amor.

Quando nos sentimos aceitos, reconhecidos e amados encontramos forças para enfrentar as nossas inseguranças e medos e nos abrimos para soluções mais criativas e humanas.

A busca de segurança absoluta não nos liberta da condição humana; só nos conduz à insensibilidade, à intolerância e ao auto-engano. Onde está o Espírito não está a segurança, mas sim a liberdade e o amor.

A sensibilidade solidária suscita em nós um desejo novo que articula um novo horizonte de sentido às nossas vidas e gera um horizonte de utopia e de esperança de um mundo justo e fraterno. Este novo horizonte utópico dá sentido à sensibilidade solidária e realimenta o nosso desejo de um mundo humano, acolhedor e solidário.

O nosso ardente desejo de ver um mundo novo e diferente pode nos levar à tentação de soluções mágicas, soluções que não levam em conta os limites da condição humana, ou então não levam em conta os limites inerentes de todos os sistemas econômicos, sociais e políticos.

É interessante notar que os livros que mais vedem e os líderes religiosos que mais atraem público são aqueles que prometem exatamente ensinar a fórmula de transformar todos os desejos em realidade.

O autor discorre a necessidade de encontrar um bode expiatório para culpar sobre todos os problemas. No momento são os neo-liberais.

Geralmente a busca obsessiva por um bode expiatório vem acompanhada de agressividade.